

## Por um portunhol na fronteira Brasil-Bolívia: a “guarania” de Ângela Maria Pérez

*Toward a portuñol on the Brazil-Bolivia border:  
the “guarania” of Ângela Maria Pérez*

**Caroline Ferreira Brizon Bezerra** 

Mestre em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: carolinebrizon@hotmail.com

### Resumo

Este artigo analisa a presença de características do Portunhol Selvagem, conceito desenvolvido por Douglas Diegues, na escrita da poeta corumbaense Ângela Maria Pérez. A partir de uma abordagem qualitativa, propõe-se uma comparação entre as produções de ambos os autores com o objetivo de verificar a existência do portunhol literário na fronteira Brasil-Bolívia e destacar a produção feminina que ainda é escassa nesse campo. Embora tenham convivido em épocas e contextos territoriais distintos, mesmo que próximos, busca-se comprovar o emprego de uma estratégia linguística comum a ambos. A análise evidenciou o uso, por parte da autora, de uma linguagem que mistura o português, espanhol e, ocasionalmente, o guarani, rompendo com normas gramaticais e sentidos preestabelecidos, de maneira a promover uma expressão genuinamente fronteiriça e desvinculada das noções de pátria e pureza linguística. Desse modo, o estudo destaca a contribuição de Pérez para a literatura da região, considerando a ausência de registros prévios de uma produção literária com essas particularidades nessa zona fronteiriça.

### Palavras-chave:

Portunhol Selvagem; Literatura Fronteiriça; Fronteira Brasil-Bolívia.

#### Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

#### Editoras convidadas

Adriana de Fátima  
Alexandrino Lima Barbosa,  
Anélia Montechiari Pietrani  
e Daiana Nascimento dos  
Santos

Recebido: 08/05/2025

Aceito: 08/05/2025

**Como citar:** BEZERRA,  
Caroline Ferreira Brizon.  
Por um portunhol na  
fronteira Brasil-Bolívia:  
a “guarania” de Ângela  
Maria Pérez. *Revista  
Diadorim*, v.27, n.3,  
e68306, 2025. DOI:  
10.35520/diadorim.2025.  
v27n3a68306

## Abstract

This article analyzes the presence of characteristics of *Portunhol Selvagem*, a concept developed by Douglas Diegues, in the writing of the Corumbá-born poet Ângela Maria Pérez. Through a qualitative approach, the study proposes a comparison between the works of both authors to verify the existence of literary portuñol in the Brazil-Bolivia border region and highlight the still-scarce female production in this field. Although they lived in different times and territorial contexts, even if geographically close, the aim is to demonstrate the use of a common linguistic strategy by both. The analysis revealed that the author uses a language that blends Portuguese, Spanish, and occasionally Guaraní, deviating from grammatical norms and pre-defined meanings, thereby promoting a genuine border expression detached from nationality and linguistic purity notions. Thus, the study highlights Pérez's contribution to the region's literature, considering the absence of previous records of literary production with these particularities in this border zone.

## Keywords:

Portuñol Selvagem; Border Literature; Brazil–Bolivia Border.

## Introdução

O termo portunhol no Brasil parece estar popularmente relacionado a uma mistura feita entre o espanhol e o português por aqueles que estão aprendendo o espanhol ou conhecem pouco a língua. Em geral, a noção parece carregar a expectativa de uma mistura, de certo modo, defeituosa, repleta de erros atribuídos à falta de conhecimento e experiência. É possível dizer que a fala de um comediante brasileiro, por exemplo, que se dedicasse a falar espanhol com erros propositais e indicadores do português seria prontamente classificada nessa categoria.

Celada (2002, p. 44-45), ao tratar sobre esse ponto, define o vocábulo como uma “espécie de curinga”, que é usado para referir-se à mistura entre português e espanhol em regiões de fronteira do Brasil com países hispano-americanos, e afirma que ele pode remeter ao código usado pelos migrantes que habitam o território verde-amarelo, mas também àquele pronunciado pelos “veranistas argentinos” no litoral brasileiro. Além disso, o termo pode ser usado por brasileiros para designar a sua comunicação, carente de conhecimento linguístico, com os falantes de espanhol e por estudantes ainda em processo de aprendizagem. Por fim, a pesquisadora pontua a associação do vocábulo com o conceito de interlíngua que, para Selinker (2020, p. 280), refere-se ao “sistema linguístico separado”, que é resultado das produções observáveis relativas às tentativas de um aluno de alcançar uma “norma da língua-alvo”.

No caso da fronteira entre Brasil e Uruguai, o portunhol designa a língua de contato desenvolvida a partir da aproximação entre a língua portuguesa e a espanhola e usada por uma comunidade cujas características sociais e históricas foram herdadas da cultura luso-brasileira (Sturza, 2019, p. 104).

No entanto, com base em Crinò (2016, p. 37-42), o termo, neste trabalho, será usado não como referência a uma língua de contato ou a uma língua étnica falada por moradores de regiões fronteiriças da região norte do Uruguai, mas para tratar de uma escrita que mescla o português e o espanhol (e até o guarani) para expressão, especialmente literária, a fim de compor uma “linguagem narrativa” nova e original. Partindo da noção de liberdade, o Portunhol Selvagem remete a uma língua livre das regras gramaticais e usada, em especial, por autores em regiões de fronteira com vistas a uma demarcação identitária e aproximação com os habitantes da zona fronteira.

Nesse sentido, o escritor Douglas Diegues, filho de pai carioca e mãe paraguaia, tem se destacado com o uso dessa mescla em suas obras. A hibridização linguística observada em seus trabalhos tem base em sua experiência da infância de trânsito entre as cidades de Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), além de seu contato com a tríplice fronteira formada por Foz do Iguazu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). A sua escrita, denominada de Portunhol Selvagem, origina-se do desejo de retorno às suas raízes e de rememoração da herança materna (sua mãe era bilíngue em espanhol e guarani) (Peres, 2019, p. 28).

A quase 600 km de Ponta Porã – que faz divisa com o Paraguai – localiza-se o município de Corumbá (também situado no Mato Grosso do Sul), que possui uma fronteira seca com a Bolívia e é marcado pelo intenso trânsito de migrantes, especialmente bolivianos. Vale destacar que a cidade ainda faz fronteira com o Paraguai, cujas línguas oficiais são o guarani e o espanhol. Apesar de apresentar um contexto favorável ao desenvolvimento do bilinguismo, não se pode afirmar a existência do portunhol como uma língua de contato, pelo contrário: há um predomínio do português sobre o espanhol, o que pode ser visto na preocupação, por exemplo, que os pais bolivianos têm em possibilitar o aprendizado daquele aos seus filhos (Ferreira; Silva, 2021, p.10-16).

Nesse espaço, às margens do Rio Paraguai, nasce a poeta Ângela Maria Pérez (1955-1994), corumbaense e sem registro de herança materna que a expusesse ao contato domiciliar com o espanhol ou o guarani. Apesar do cenário diverso, arriscou-se, mesmo que de forma iniciante, a escrever poemas que misturavam espanhol, português e até mesmo guarani, inspirada na vida fronteira que a atravessava. Sua produção literária – restringida por seu falecimento precoce em 1994 –, de maioria em português, conta com pelo menos dois poemas que seguem esse propósito linguístico: “Pájaro Arisco” (1990) e “Guarania de amor” (1989). Além desses trabalhos, será alvo desta análise qualitativa a prosa poética “Uma paixão ilusória” (1987), que encena uma aproximação com o contexto fronteiro.

Apesar de haver o reconhecimento de Corumbá como um centro significativo de produção literária, berço de poetas como Lobivar Matos, Manoel de Barros e Pedro de Medeiros, não há registro de estudos da obra de Pérez, tampouco de algum fazer literário que se aproxime do portunhol na região. Cabe ressaltar que uma primeira discussão sobre o tema, sem precedentes, foi registrada no trabalho de Bezerra (2024). Todavia, o termo portunhol em pesquisas realizadas nessa fronteira Brasil-Bolívia foi usado em alguns trabalhos publicados pelo Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS), em Corumbá. Urt (2020, p. 23) cita a palavra em referência à linguagem, com mistura também do guarani, introduzida por migrantes paraguaios que decidiram permanecer em solo brasileiro após a Guerra da Tríplice Aliança, ocasião em que a cidade chegou a ser tomada pelo Paraguai, comandado por Solano López. O vocábulo também foi usado como referência ao falar do estudante pendular de origem boliviana, que oscila entre a língua materna e o português (Silva, 2020, p. 92; Santos, 2021, p. 55; Bumlai, 2014, p. 74), e à comunicação entre funcionários e pais migrantes em escolas brasileiras (Vernochi, 2022, p. 56). Ademais, Rodrigues (2021, p. 39) e Oliveira (2021, p. 22) usam o substantivo para se referir a certas interações comerciais que ocorrem nas feiras corumbaenses, expressão da diversidade fronteiriça. Para além desses trabalhos, Ferreira e Silva (2021, p. 10-16) apontam a escassez de estudos que identifiquem o uso do portunhol nessa fronteira e o predomínio do uso do português devido a fatores de ordem social, o que impediria afirmar a existência de tal falar, de maneira formal, nessa região. Entretanto, as pesquisadoras reconhecem a influência paraguaia no vocabulário e sotaque do pantaneiro, por exemplo, e o uso de certo nível de mistura linguística em algumas relações comerciais<sup>1</sup>.

Este trabalho busca, pois, analisar as citadas obras de Pérez à luz da escrita de Diegues, procurando aproximações entre sua produção e o Portunhol Selvagem, a fim de defender a existência do portunhol, no âmbito literário, na fronteira Brasil-Bolívia, ainda que de forma embrionária, e trazer à tona a discussão sobre o trabalho da poeta, que carece de análise no meio acadêmico. Para além disso, ressalta-se a produção de Pérez como significativa por ter sido realizada por uma mulher em um contexto escasso da presença de autoras do portunhol no Brasil.

## O portunhol no Brasil

No cenário específico das regiões de fronteira, há uma propensão maior ao desenvolvimento de diferentes falares, considerando o maior contato entre indivíduos de diferentes bagagens linguísticas. Vale destacar que, para fins desta pesquisa, entende-se a fronteira não como um mero limite que marca a divisão entre uma

---

<sup>1</sup> Esse cenário também foi retratado por Rivas (2011), que entrevistou alunos do Brasil que relataram estratégias comunicativas (“portunhol”) usadas tanto por brasileiros quanto por bolivianos em interações comerciais.

nação e outra, mas como uma “zona de interpenetração mútua”, onde ocorrem trocas sociais, políticas, culturais e movimentos que possibilitam a integração (Machado, 1998, p.1-2). Essa visão é corroborada por Camblong (2009, p.130-131) para quem a fronteira – esse espaço paradoxal, de heterogeneidade exacerbada, de contrastes e contradições – não diz respeito a um lugar que se habita, mas a um modo de se habitar.

Na fronteira entre o Brasil e Uruguai, por exemplo, o significativo contato entre a língua portuguesa e a espanhola promoveu o surgimento de uma forma de comunicação que mistura as línguas de ambos os países e que pode ser designada como portunhol ou portuñol. Alguns dos representantes desse entrelaçamento são Martím César (Rio Grande do Sul), Chito de Mello (ao mesmo tempo brasileiro e uruguaio), o escritor Aldyr Garcia Schlee, o poeta uruguaiano Fabián Severo e o compositor artiguense Ernesto Díaz. Enquanto os dois primeiros se destacaram pelo uso do portunhol na música e na literatura, os dois últimos ganharam notoriedade por atuarem em conferências, recitais e saraus musicais realizados tanto dentro do território brasileiro como do uruguaio. O movimento, no âmbito literário, remonta aos anos 1992, quando ocorreu a publicação de *Mar paraguayano*, do escritor brasileiro Wilson Bueno, fruto de uma mistura entre o português, o espanhol e o guarani.

No cenário contemporâneo, o poeta, contista e editor Douglas Diegues (nascido em 1965) tem se destacado com o uso dessa mescla em suas obras e teve como experiência fundamental, em sua formação, a aproximação com o fazer literário de Bueno (Degli Atti, 2024, p. 8). Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, o artista, filho de pai brasileiro e mãe paraguaia (hispano-guarani, como ele a define), mudou-se na infância para Ponta Porã (Mato Grosso do Sul), cidade que faz fronteira com o Paraguai. À sua escrita denominou de Portunhol Selvagem em um anseio por voltar às suas raízes e trazer novamente à memória a língua materna (sua mãe era bilíngue em espanhol e guarani).

Conforme Diegues (2016), a sua experiência na fronteira aos dois anos de idade foi necessária para que a figura materna lhe ensinasse uma língua que “não existe”, mas que inventava continuamente no “calor da hora”. Trata-se de um fazer literário desapegado de regras que abre espaço para, além do espanhol, adicionar-se outras línguas ameríndias, europeias, asiáticas em um processo antropofágico (Degli Atti, 2024, p.7).

El portuñol sauvage es la base, la base antropofágica, neo antigua, que puede incorporar, además del guarani, palabras de otras lenguas, sean estas lenguas selvagens, tipo ameríndias; lenguas civilizadas, europeas and angloamericanas; y lenguas asiáticas, como el chino ou el japonés, ou palabras del árabe, enquanto registro fonético. Pero la liberdade de linguagem, repito, non tem limites (Diegues, 2012, p. 162-163).

Além de Diegues, o escritor Severo nasceu em uma cidade fronteiriça no norte do Uruguai e possui uma atuação significativa com respeito à literatura em portunhol. O autor, em suas obras, usa personagens “tipicamente fronteiriços” intimamente relacionados ao uso dessa língua que evoca “uma realidade geográfica, histórica e sociolinguística”, diferente da representada no castellano.

Analisando a literatura latino-americana, Silviano Santiago (2000, p. 14-25) afirma que ela é produto de um esforço colonizatório e é marcada pelo “renascimento colonialista”, que, ao se expandir pelo Novo Mundo, impõe os parâmetros civilizatórios ocidentais. Esse processo busca, como finalidade, transformar as regiões afetadas em mera cópia do “original”. Todavia, a sociedade dos “mestiços” teria poder suficiente para quebrar a noção de unidade em prol de uma mistura que geraria um produto híbrido, fruto da integração entre o elemento europeu e o autóctone. Assim, a “destruição sistemática” das noções de “unidade e pureza” seria a maior contribuição dessa literatura para o ocidente – desconstrução que se dá por uma assimilação insubordinada e antropófaga que desarticula o original e remonta-o de acordo com seu próprio querer. A América Latina é, por conseguinte, o entrelugar onde se dá a ressignificação da cultura do colonizador, espaço de produção de originalidades e da “transgressão como forma de expressão”.

Diegues, que transita entre Brasil e Paraguai, parte desse entrelugar por onde produz sua arte, usando uma escrita transgressiva, uma língua que quebra toda ideia de pureza e unidade e revela a heterogeneidade da fronteira. Seu portunhol, uma hibridização entre o português e o espanhol com toques de guarani, é indomesticável (Diegues, 2012, p. 161) e, desse modo, goza de liberdade inventiva, porquanto é livre de padronizações. Além disso, o escritor ousa, em algumas obras, realizar traduções para o Portunhol Selvagem que vão além da concepção tradicional do termo, ao digerir o estrangeiro e levá-lo para a fronteira em uma “imagem original” (Camargo, 2016, p. 65).

O antropólogo e poeta argentino Nestor Perlongher (1992, p. 8-9) escreveu o prefácio da já citada obra *Mar paraguayano*, em que afirma ter o portunhol um efeito “imediatamente poético”. Segundo o artista, essa mistura linguística não possui um “código predeterminado de significação” e somente é fiel ao “seu próprio capricho, desvio ou erro”. Trata-se do fruto da tensão e constante oscilação entre o português e o espanhol: “uma é ‘erro’ da outra, seu devir possível, incerto e improvável”. Ademais, deixa de lado as limitações do esperado para ser imprevisível, surpreendente, intempestivo, como o é a “boa poesia”.

Um singular fascínio advém desse entrecruzamento de “desvios” (como diria um linguista preso à lei). Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática: chuva e lluvia (grafadas de ambas as maneiras) podem coexistir no mesmo parágrafo,

só para mencionar um dos incontáveis exemplos (Perlongher, 1992, p. 9).

Apresentado dessa forma, o portunhol, segundo Crinò (2016, p. 38), para além de traçar críticas e elaborar denúncias sociais, pode ser um mecanismo que representa, de maneira única a “beleza e unicidade” do universo fronteiriço.

Anzaldúa (2016, p.111), escritora conhecida por usar “Spanglish”, uma mistura do inglês e espanhol, ressalta ser a identidade étnica uma segunda pele da linguística. Desse modo, a língua seria parte do próprio ser do indivíduo, o qual deve orgulhar-se dessa origem. Caso contrário, seria impossibilitado de orgulhar-se de si.

Sob essa perspectiva, Degli Atti (2024, p. 8) analisa que a adoção do Portunhol Selvagem por Diegues remete a um ato de autoafirmação em que o autor exalta os traços que são alvo de estigma social e linguístico: “a qualidade errática, mutável, instável da língua, o desvio da norma, a mistura caótica de idiomas”. Tal fazer é selvagem, pois não pode ser domado nem reduzido a regras, além de carregar as pessoas de volta ao seu estado ancestral, primitivo.

## A língua, a fronteira e a autora

Considerada a capital do Pantanal, a cidade de Corumbá fica no extremo Oeste do Mato Grosso do Sul, a mais de 400 km da capital do estado, Campo Grande. O município, de vasta extensão, está localizado a uma distância considerável de outras cidades brasileiras, mas fica bem próximo à fronteira com a Bolívia. A fronteira seca e de fácil acesso com a outra nação propicia um intenso trânsito de brasileiros e bolivianos por entre esse espaço.

O lugar é marcado por ter sido palco da Guerra do Paraguai (também denominada de Guerra contra a Tríplice Aliança), em que Brasil, Uruguai e Argentina se aliaram contra os paraguaios sob a liderança de Solano López, em um conflito que ocorreu entre 1864 e 1870. A retomada da cidade – que havia sido ocupada pela tropa inimiga – por Antônio Maria Coelho, Balduino de Aguiar, Antônio José da Costa e pelo presidente de Mato Grosso, José Couto Magalhães, ocorreu em 13 de junho de 1867 (Rondon, 1963, p. 33-34).

O fim da guerra permitiu a reabertura da navegação no Rio Paraguai (1896), o que possibilitou a livre circulação. Para estimular a economia na região e auxiliar na recuperação do povoado (até então parte da província de Mato Grosso), o Império determinou a isenção de impostos. A medida contribuiu para o fortalecimento do Porto de Corumbá e o desenvolvimento da importação e exportação de produtos tanto nacionais como internacionais. Esse cenário propiciou a presença de casas importadoras e exportadoras e a chegada de migrantes de dentro e de fora do Brasil, tais como argentinos, uruguaios, bolivianos, ingleses, franceses, belgas etc. (Marin; Squinelo, 2019, p. 100-102).

Em tal proeminência adentrou-se pelo século XX, conservando-as galhardamente, mercê do crescente intercâmbio regional e internacional, como ponto chave em que se transfizera. Então o seu ancoradouro vivia abarrotado de embarcações de todo tipo, das mais diversas bandeiras, que traziam e levavam os produtos de importação e exportação. Linhas regulares punham-na em ligação permanente com Assunção, Montevidéu e Buenos Aires. De Londres, Havre e Hamburgo chegavam produtos alimentícios, manufaturados e de outras espécies (...) (Souza, 1972, p. 50).

Esse contexto histórico influencia até hoje o espaço que é marcado pela multiplicidade de pessoas de diferentes culturas, raças e etnias que transitam e habitam esse local, caracterizando-o, portanto, como multicultural: há a influência das culturas árabe, boliviana, portuguesa, paraguaia etc. (Garcia, 2016, p. 172). Na fronteira Brasil-Bolívia, registra-se a existência, especialmente, do português, guarani e espanhol, mas ainda do neerlandês (língua oficial do Suriname), do francês (língua oficial da Guiana Francesa), do inglês (língua oficial da Guiana), além de outras variedades faladas por povos originários. Desse modo, há uma significativa presença da figura do migrante, aquela pessoa que, deixando sua terra natal, muda-se para outra por motivos econômicos, culturais, políticos, psicológicos, religiosos e sociais (Araujo; Filartigas; Carvalho, 2015, p. 131).

Além dos que escolhem a cidade de Corumbá como local de habitação, há os migrantes pendulares que transitam entre um país e outro para estudar, trabalhar etc. e voltam com uma certa frequência a sua nação de origem (Oliveira; Correia; Oliveira, 2017, p. 92). A cidade também é marcada por ser um espaço de trânsito, visto que poucos migrantes fixam residência no município.

É nesse mesmo espaço, na perspectiva de Ferreira e Silva (2021, p.10-16), que se constrói um quadro propício ao desenvolvimento do bilinguismo, explicitado pelos que têm em seu cotidiano o constante contato entre o português e o espanhol. Esse é o caso dos filhos oriundos da união entre brasileiros e bolivianos ou dos estudantes que se deslocam da Bolívia para estudar no Brasil, ou vice-versa. Se no Brasil há um significativo índice de migrantes em instituições de educação tanto públicas quanto privadas, há na Bolívia um número considerável de verde-amarelos que atravessam a fronteira para cursar a faculdade de medicina. No entanto, os resultados das pesquisas realizadas pelas estudiosas não apontaram a existência de uma “interlíngua”, um falar emergente da integração entre as línguas desses países, como visto na fronteira uruguaia. Para as pesquisadoras, afirmar tal ocorrência consistiria em um equívoco. Nas trocas frequentes entre esses povos fronteiriços, não se pôde observar uma linguagem sistematizada, mas o predomínio do português sobre o espanhol. Além disso, há uma escassez de estudos nessa seara que poderiam com-

provar tal cenário. Observou-se, porém, uma alternância linguística, em especial nas trocas comerciais, apontando para um contexto favorável ao desenvolvimento de uma “linguagem comercial fronteiriça”.

Ainda que haja essa dificuldade de constatação, a autora Ângela Maria Pérez ousa, por meio da literatura, adentrar esse campo lançando mão de uma escrita que integra o português, o espanhol e, por vezes, o guarani. Corrompendo ideias de hegemonia e centralidade cultural, a autora promove uma “prática translíngua” ao usar dois ou mais códigos linguísticos emergidos da interação entre culturas. O escritor translíngua, portanto, em um movimento antropofágico, deglute a língua, a cultura do outro e apresenta uma voz múltipla em suas produções, resignificando o local e nacional em detrimento do global (Magalhães, 2022, p.53-54).

Habitante desse espaço de diversidade linguística, a professora, bióloga, escritora e poeta Ângela Maria Pérez (1955-1994), nascida em Corumbá e defensora ferrenha do Pantanal, escreveu poemas que usam a mistura linguística como forma de expressão. Pérez, que começou a demonstrar interesse pela poesia ainda na infância, estudou em escola pública e se graduou em Ciências Biológicas pela UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). A docente se dedicava, especialmente, a exaltar a beleza pantaneira e sua preservação, isso fica evidente com o fator de destaque à natureza em seus escritos (Um Belo, 2007).

A escritora tinha papel significativo no movimento literário corumbaense de sua época e chegou a participar da ALEC (Associação Literária de Escritores Corumbaenses), instituição que se dedicava a estimular autores regionais por meio de encontros para compartilhamento de produções literárias e publicação de coletâneas. Em “Memórias Pantaneiras I” (1991, p. 19), uma dessas compilações, Pérez é retratada como uma sonhadora de um mundo “sem fronteiras, sem cor, de todas as cores, sem repressão, sem propriedades e sem motivos para matar ou morrer”, além de caminhar pelas ruas corumbaenses com “cabelos longos esvoaçantes, de minissaia e sandálias Anabela”. Seu fazer poético também é caracterizado como marcado pela poética “matizada” pela fé, “pela religiosidade que fluía dos seus poros”.

Em meio a trabalhos poéticos que partem, em certa medida, de lugares comuns ao tratar sobre a beleza do pantanal, a necessidade de preservação da natureza, a valorização do amor romântico e de certos princípios religiosos, nasce uma figura um tanto incomum – a partir de uma mudança de foco – que ousa falar de amor com um recurso inusitado: o portunhol. Como filha da fronteira, Pérez tinha contato com as feiras em que os bolivianos comercializavam os seus produtos, as lojas de migrantes palestinos, os termos e elementos da cultura paraguaia presentes no cotidiano corumbaense, a travessia constante e livre entre a Bolívia e o Brasil, enfim, a vida fronteiriça que a atravessava e a formava. Nesse instante, entra em sua poesia, de forma clara e incisiva, o fator fronteira, acentuando sua personalidade idealista e conservadoramente transgressiva.

Neste trabalho, foram analisadas três composições identificadas como parte desse momento da autora: *Uma paixão ilusória* (1987), *Guarania de amor* (1989) e *Pájaro Arisco* (1990). Apesar de não se saber ao certo a data da elaboração desses esforços artísticos, foi levado em consideração o momento de sua publicação para fins de análise, de modo a levantar conclusões acerca de uma evolução da escrita de Pérez. Com a finalidade de situar suas obras no contexto do portunhol literário, os textos foram analisados a partir das características do Portunhol Selvagem, assim caracterizado por Diegues, por meio da realização de contrastes e aproximações que permitissem localizar o trabalho da escritora dentre desse cenário.

## O Portunhol Selvagem de Pérez

Antes que *Mar paraguayo* (1992) viesse à tona, Pérez publica suas obras que propõem um novo uso para as línguas da fronteira. Uma mistura do português, do espanhol e, com mais reservas, do guarani pode ser vista nas composições que são alvo de análise desta pesquisa.

Em 1987, com a publicação de sua prosa poética *Uma paixão ilusória*, a autora parece ensaiar o que seria o início de uma abertura a essa nova proposta linguística:

Navegando numa festiva apoteose de sol... Eis presente o Lago Azul de Yparacay e eu sentindo um amor só de ti, vestida em rendas Yanduti, cantando uma música em Guarany...! (Pérez, 1987, p.48).

Apesar de, no texto, predominar o uso da Língua Portuguesa, estão presentes elementos da cultura vizinha. A princípio, é apresentado o Lago Azul de Ypacaraí, um dos maiores do Paraguai, cujo nome, em guarani, significa “O Lago do Senhor”. Em seguida, o eu poético representa-se vestido de “rendas Yanduti”, tal vocábulo remete à ñandutí, palavra de origem guarani que significa teia de aranha e é usada em referência a uma técnica de bordado tradicional. Por fim, o “Guarany” é a língua oficial do Paraguai (junto com o Castellano) e a grafia transporta o leitor a documentos antigos, como o livro *O Guarany*, de José de Alencar, publicado em 1857, inicialmente em forma de folhetim. Ainda que, no trecho, não se note um uso significativo do espanhol, há um claro esforço de trazer à tona termos, elementos culturais e locais da vivência fronteiriça, compondo um cenário de amor que corrompe barreiras.

Em relação à escolha pela grafia “Guarany”, ressalta-se a fala de Degli Atti (2024, p.7) para quem as contribuições linguísticas ao Portunhol Selvagem podem se desenvolver tanto em sentido sincrônico como diacrônico, incorporando, por exemplo, “arcaísmos e características morfológicas da língua do trovadorismo galego-português e da língua latina”.

Em *Guarania de amor* (1989, p. 12), a autora adiciona, abaixo do poema, uma legenda a fim de instruir o leitor, característica que revela uma certa preocupação com a compreensão dos termos utilizados em seus escritos, o que pode ser visto em Diegues. Segundo Degli Atti (2024, p. 9), na “linguagem dieguisiana” as palavras requerem um empenho de “compreensão e reconstrução de sentido” e o próprio autor fornece ao leitor as coordenadas que guiam a “decifração do texto”. Em *Triple Frontera Dreams*, o escritor (2017, p.11) disponibiliza, por exemplo, após o poema “La xe sy”, o que ele denomina de “Glossarioncito Selvatiko: guaraní paraguayo-portuñol selvagem”.

As traduções apresentadas do guarani por Pérez são as seguintes: ñandypá (árvore frondosa), ara-yvotý (primavera), tapiá (sempre), añete te (verdadeiramente), cacuavé (crescente), araresá (a luz do dia), rojhacjhu (te amo) e tereré (chimarrão gelado).

Na sombra desta velha árvore... “ñandypá” / Ao som das águas vindas dos morros de minérios, / que desce ribanceira abaixo... é um Menestrel!... / A passarada em seus vários cânticos... é sempre “ara-yvoty!” / Serenidade de vidas se entrelaçam como “un tallo de la rosera” ... / Quisera ficar aqui em núpcias contigo “tapiá” / Em seu peito, meu coração, / Encontrou guarida... “añete te...” (...) / Ruminando em delirantes promessas, de uma “Paixão não ilusória”, / mas sim, no verdadeiro “Milagre de Amor” / de esperanças “y mañana por la mañana” / De uma Eterna Guarania de Amor, enquanto vivermos. / Em meio aos Pantanais deste Império Cintilante, / Num ranchinho distante na “araresá” / Assim seremos muito felizes! / “Rojhacjhu!”

Nesse trecho, há um predomínio do português com toques de guarani e espanhol. Além disso, há aqui uma preocupação com o uso das aspas – não vista no poema anterior – como para delimitar as palavras das outras línguas e dar ao texto uma maior sensação de ordem e separação.

Cabe ressaltar a falta de apresentação dos significados das expressões em espanhol, como “un tallo de la rosera”, “y mañana por la mañana”. Desses termos, nota-se, por exemplo, a adaptação de “rosera” – ao invés de “rosal”, espanhol, ou “roseira”, português – e a construção de sentido gerada pela segunda expressão. Esta provoca nos leitores a ideia de “e amanhã de manhã”, quando, na verdade, o sentido que ela ganha no texto é outro: “de manhã a manhã”, corroborando a construção seguinte que promove o pensamento de eternidade (“De uma Eterna Guarania de Amor”). Assim, para além da criação de um termo “misto”, há a subversão do sentido que a expressão tradicionalmente receberia.

O título do escrito traz ainda um termo significativo para a compreensão do trabalho poético de Pérez: guarania. Ao mesmo tempo que o vocábulo remete ao estilo musical paraguaio em ritmo lento, retrata a mistura de línguas, a integração, uma palavra que abrange o desejo transfronteiriço de amar sem fronteiras linguísticas, o qual só pode ser retratado de maneira única pelo portunhol (englobando também o uso do guarani). Em entrevista a Crinò (2016, p. 48), Severo afirma que os “frontera” residem em uma quebra de concepções, habitam em conceitos “desarmados” e ligados a uma noção de não pertencimento. Tudo fazem “fronteirizadamente” e, portanto, sua poesia não poderia ser diferente, deveria ser fronteiriça “no fundo e na forma”. Há, portanto, em Pérez um desejo de mescla, de busca por uma expressão que sacie os anseios fronteiriços, mesmo que ainda de forma inicial, sem levar suas paixões às últimas consequências.

As experiências da escritora culminaram no poema que dedicou àquele que denomina seu “guru”: “Güira-rari” – termo que pode ser traduzido do guarani como pássaro selvagem. Na obra intitulada *Pájaro Arisco* (1990, p. 114) – nome de seu “guru” em espanhol –, a poeta versa sobre uma paixão transfronteiriça:

Conservate como um pájaro huraño... / que quieres, posar em  
mi mano. / Contemplo tus ojos brillantes / Llena de uno júbilo  
estrellantes... / Percibo la respiración / Como quisera desafiar /  
Tu promesas de la profesión. / Por el feliz momento / En cuyo  
pensamiento / Descubro tu nobleza interio / De hombre-ma-  
cho / En busca de su hembra... / Y de quererme en tus brazos, /  
Mas es un sueño?... / Nuestra alma y corazón, / Vivem en forma  
de amortización... / ¡Oh, Dios!... ¿Quando seremos felices? / ¿Y  
viviremos para siempre / éste nuestro Amor?

Um pássaro “huraño” é um termo que se refere, segundo o *Diccionario Etimológico Castellano em Línea* (2023), a uma ave escusa, arisca, que parece sempre fugir às atenções da amada. O vocábulo consiste em uma confluência do termo latino *foraneus*, que remete ao que é de fora, exterior, forasteiro. Desse modo, esse amante, ao mesmo tempo que parece ter intimidade com a vida no Pantanal, é um forasteiro apresentado ao leitor em “portunhol”, dado que, ao escrever, o eu poético mistura a grafia de algumas palavras com o português, tais como “quando” e “quisera”, e apresenta uma nova grafia ao termo “interio” de modo que ele não se encaixa nem em uma língua nem na outra. Tal atitude linguística corrobora o pensamento de Perlongher (1992, p.8-9), para quem o portunhol, em termos literários, foge às regras e a predeterminações de sentido. Sobre o tópico, Diegues (2011, s/p) acrescenta que esse modo de expressão não possui uma forma definida (o portunhol selvagem “es free”) e apresenta-se como um “mix plurilíngue” – o qual consiste em

uma poética de vanguarda primitiva criada pelo escritor para escrever seus textos – e “uma antropofágica liberdade de linguagem aberta ao mundo”.

El portunhol selvagem es una liberdade de linguagem que nunca caberá inteiro dentro de los limites de lo políticamente correto... Es un lenguaje que existe enquanto habla, kanto, escritura, pero que non existe como idioma. Por isso digo que non conbiene gramatificarlo. Gramatificarlo seria castrarlo. Ofizializarlo seria como suicidarlo. Me parece lindo que siga assim, klande, transnacional, libre como algo que se parece a nada parecido (Diegues, 2011, s/p).

Ao contrário do último poema, não há uma preocupação com a apresentação de um vocabulário que oriente o leitor. Ademais, a autora usa três expressões diferentes para se referir ao seu amado: “pájaro huraño”, “Güira-rari” (na dedicatória) e “Pájaro Arisco”. Ainda que haja uma diferença linguística para quem os analisa, os termos são apresentados como sinônimos pela escritora sem a preocupação de que pertençam a essa ou àquela língua, são integrados ao poema de maneira que deixam de ser parte de um universo específico, de uma nação e adentram em um espaço outro, no entrelugar da zona fronteira.

Sobre o portunhol, Alós (2012, p. 303) argumenta que, tirado de sua língua materna, o eu lírico deve se comunicar com uma “língua selvagem, híbrida e transgressora”. Ele, em ato canibalesco, incorpora restos de sua língua materna e das desconhecidas (mães substitutas) na sua procura pelo “sublime possível”, o qual é marginal, transnacional e usa de extrema heteroglossia. Segundo ele, nisso consiste o “*modus operandi* do transportuñol borracho” (termo equivalente ao Portunhol Selvagem). De igual modo, em ato antropofágico, Pérez ingere as línguas que fazem parte de seu contexto não a fim de destruí-las ou desordená-las, mas com vistas a criar uma comunicação outra, de modo a expressar seu desejo por uma escrita que retrate o anseio por ultrapassar fronteiras linguísticas, culturais, sociais e por se fazer ouvida a partir de um código irrestrito e não delimitado por regras.

Ao contrário de um autor com significativa produção literária e lugar consolidado como Diegues, Pérez, uma escritora pouco conhecida até mesmo na cidade em que nasceu, produziu um pequeno acervo de obras durante sua trajetória, mas que demonstra um começo embrionário do que anos à frente se consolidaria, pelas mãos de Diegues, como Portunhol Selvagem. Seu trabalho, todavia, destaca-se por ter sido produzido por uma mulher, o que é significativo considerando o cenário escasso de brasileiras que se aventuram nessa seara, além de ainda não haver registro no meio acadêmico de produções literárias similares nessa fronteira em específico.

Se, por um lado, o poeta baseia-se no arcabouço da língua materna (sua mãe falava guarani e espanhol) e na experiência em uma região em que a mistura linguís-

tica é uma prática mais consolidada, por outro, Pérez, filha de brasileiros, ousa ao inventar um portunhol “selvatiko” na fronteira Brasil-Bolívia, espaço em que – apesar de se reconhecer certa tendência a tal mescla – há uma resistência ao espanhol e um predomínio do uso do português. A escritora parte de línguas que não podem ser consideradas maternas, mas que toma para si como mães adotivas para sua própria criação artística. Vista por esse ângulo, sua escrita tem um fator subversivo de não somente trazer à tona o falar de um povo, mas promover uma integração transgressiva em um espaço onde se nota um certo nível de imposição hegemônica.

Em *Triple Fronteira Dreams*, Diegues (2017, p.5) valida essa aplicação, ainda que retroativa, ao trabalho da corumbaense.

Qualquer kabrón, qualquer princesa, qualquer vagabundo puede fazer literatura em portunhol selvagem, porque cada um tem ya um portunhol selvagem seu, aún non lo sabiendo, escondido em seu corpo, y que jamais será igual al mio. Incalculáveis portuñoles selvagens existem y non existem y existem, pero nunca se repetem (...).

Dessa maneira, a autora escreve a partir de um entrelugar de multiplicidade linguística e adota outros falares em sua identidade fronteiriça, rompendo as barreiras de pátria e nação. Trata-se de um anseio pelo estabelecimento de interconexões entre mim e o Outro, promovendo um fazer literário livre de “purezas” culturais.

## Considerações finais

Este artigo procurou defender a existência do portunhol literário, mesmo que de maneira retroativa e embrionária, na fronteira Brasil-Bolívia, por meio da escrita da poeta Ângela Maria Pérez. Sem o objetivo de discutir questões estéticas relativas ao texto em si, buscou-se analisar, nas obras selecionadas, características do que anos à frente foi chamado de Portunhol Selvagem.

A análise constatou a presença de termos que misturam o português e o espanhol e de textos que usam ainda vocábulos em guarani. Para além de criações morfológicas envolvendo as línguas, há ainda o emprego de arcadismos e de novas atribuições de sentidos a palavras e expressões dos falares fronteiriços. Assim como a escrita de Diegues, a “Guarania” de Pérez consiste em uma expressão – desprendida das regras gramaticais, das predeterminações de sentido e dos conceitos de pátria e nação – que busca representar o desejo por uma identificação não local, mas transfronteiriça. Apesar de não se localizar registro de um domínio da língua espanhola por parte da autora, nota-se a influência das línguas que transitavam em seu cotidiano.

Dessa maneira, o trabalho contribui para a discussão acerca da presença do portunhol literário na fronteira em questão, ao ressaltar a produção de uma escritora pouco conhecida, em especial, dado o cenário reduzido de mulheres que atuam nesse contexto. Apesar disso, para uma pesquisa mais aprofundada sobre a produção da autora e os recursos linguísticos empregados, seria interessante um conhecimento mais significativo do guarani.

A produção embrionária – por seu tamanho, limitações – de Pérez age também como embrião a produzir vida “guaránica” na zona fronteira. Ao se expressar por uma mistura das línguas de sua região, a poeta planta a semente do que mais à frente se consolidaria como portunhol literário, corrompendo purezas, barreiras semânticas, gramaticais e territoriais, a fim de gerar uma expressão característica da literatura produzida na fronteira Brasil-Bolívia.

## Referências

ALÓS, A. P. Portuñol Selvagem: da “língua de contato” à poética da fronteira. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 22, n. 45, 30 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43788>. Acesso em: 22 dez. 2025.

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: la nueva mestiza*. Tradução de Carmen Valle Simón. Madrid: Capitán Swing, 2016.

ARAUJO, A. P. C.; FILARTIGAS, D. M. E.; CARVALHO, L. C. Bolivianos no Brasil: migração internacional pelo corredor fronteiro Puerto Quijarro (BO)/Corumbá (MS). *Interações* (Campo Grande), v. 16, n. 1, p. 131–141, jan. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/cTVZgWFFrgNYLLckSdjwbhk/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 mar 2022.

BEZERRA, C. *Construções identitárias às margens do Paraguai: uma análise da poesia fronteira de Benedito C.G. Lima e Ângela Maria Pérez*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2024. Disponível: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8778>. Acesso em: 28 maio 2024.

BUMLAI, D. U. M. *Ações interculturais nas escolas de fronteira: integração e preservação da identidade*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2014. Disponível em: <https://ppgefcpn.ufms.br/respositorio-de-dissertacoes-2014/>. Acesso em 10 abril 2014.

CAMARGO, T. F. P. *O Portunhol Selvagem de Douglas Diegues; no delírio, a busca pelo sentido*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, UFMS, Campo Grande, 2016.

CAMBLONG, A. M. Habitar la frontera. *Revista de Signis*, v. 13, p.125-133, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=606066732013>. Acesso em: 10 fev. 2024.

- CELADA, M. T. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Linguística) do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- CRINÒ, C. O portunhol/portuñol na poesia de Fabián Severo. *Revista Interfaces*, v. 1, n. 24, p. 35-53, Jan-Jun, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29636>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- DEGLI ATTI, F. Língua, poesia e rebelião em Douglas Diegues: resistência cultural e educação literária. *Signótica*, v. 36, p. 1-27, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/77175>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- DIEGUES, D. “Corregirlo sería matarlo”. [Entrevista concedida a] Pablo Gasparini, Ana Cecilia Olmos, Maite Celada. *abehache*, [s. l.], ano 2, n. 2, p. 159-166, 1. sem. 2012.
- DIEGUES, D. Transdeliração Selvagem: Entrevista com Douglas Diegues. [Entrevista concedida a] Ellen Maria Vasconcellos. *Malha Fina*, São Paulo, mar. 2016. Disponível em: <https://malhafinacartera.wordpress.com/2016/03/09/transdeliracao-selvagem/>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- DIEGUES, D. *Triple Frontera Dreams*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Interzona Editora, 2017.
- DIEGUES, D. Fronteiras Literárias. [Entrevista concedida a] Rodrigo Teixeira. *Tríplices*, Campo Grande, 18 ago. 2011. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/triplices-fronteiras-literarias>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- FERREIRA, S. M. P.; SILVA, R. V. As línguas da fronteira Brasil-Bolívia: crenças e atitudes linguísticas/ The languages of the Brazil-Bolivia border: linguistic beliefs and attitudes. *Web Revista Sociodialeto*, [S. l.], v. 11, n. 33, p. 1-33, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/8068>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- GARCIA, L. M. Considerações sobre a fronteira Brasil/Bolívia em Mato Grosso do Sul. *Revista GeoPantanal*, n. 21, p.171-180, jul./dez., 2016.
- HURANO. *In: DICCIONARIO Etimológico Castellano Em Línea*. Chile: deChile, 1998. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?huran.o>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- MACHADO, L. O. Limites, fronteiras e redes. In: STROHAECKER, T.M.; DAMIANI, A.; SCHÄFFER, N. O.; BAUTH, N.; DUTRA, V.S. (orgs.). *Fronteiras e espaço global*. AGB-Porto Alegre: Porto Alegre, 1998, p. 41-49.
- MAGALHÃES, V. E. *A literatura de Fabián Severo: tensões em torno do território, da língua e da comunidade*. Foz do Iguaçu: UNILA, 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) do Programa de Literatura de Pós-Graduação em Literatura Comparada, UNILA, Foz do Iguaçu, 2022.
- MARIN, J. R.; SQUINELO, A. P. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosedefronteiras/index.php/v03n02/article/view/961>. Acesso em: 10 fev. 2024.

OLIVEIRA, G. M. B. C. *Compras públicas da agricultura familiar como indutoras do desenvolvimento rural sustentável na fronteira Brasil Bolívia*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4110/>. Acesso em 10 abril 2014.

OLIVEIRA, M. A. M.; CORREIA, J. M.; OLIVEIRA, J. C. Imigrantes Pendulares em Região de Fronteira: semelhanças conceituais e desafios metodológicos. *Direitos Culturais*, v. 12, n. 27, p. 91-108, maio/ago 2017. Disponível em: <https://vlex.com.br/vid/imigrantes-pendulares-em-regiao-700917345>. Acesso em: 12 fev. 2024

PERES, W. *As tríades do Portunhol Selvagem de Douglas Diegues: entre textos e sujeitos, uma língua poeticamente calculada*. Juiz de Fora: UFJF, 2019. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2019.

PÉREZ, Â. M. *Memórias pantaneiras I*. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 1991.

PÉREZ, Â. M. (org.). *Vates do Pantanal*. Porto Alegre: Ed. Caravela, 1989.

PÉREZ, Â. M. *Flor de camalote*. Porto Alegre: Edições Caravela, 1987.

PÉREZ, Â. M. *Miscelânea do Pantanal*. Campo Grande: Ed. Associação de Novos Escritores de MS, 1990.

PERLONGHER, N. Sopa Paraguaia. In: BUENO, W. *Mar paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 7-11.

RIVAS, V. E. *Yo no soy boliviano soy carioco – Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil-Bolívia*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1808>. Acesso em 10 abril 2014.

RODRIGUES, W. P. *Fronteira, imigrante e patrimônio cultural: desafios de gestão com base em metodologias do circuito de apoio ao imigrante em Corumbá, MS, Brasil*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4110/>. Acesso em 10 abril 2014.

RONDON, C. M. S. Corumbá – sua retomada do poder do inimigo. *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*. XVIII e XIX (Tomo XXXV a XXXVIII), p. 21-36, 1936.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, T. M. R. *Olhares cruzados sobre a fronteira Brasil-Bolívia por meio da literatura infantil*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3652>. Acesso em 10 abril 2024.

SELINKER, L. Interlândia. Tradução: Phellipe Marcel e Décio Rocha. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 1, p. 275-295, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/30523>. Acesso em: 05 abr. 2025.

SILVA, A. M. *Escola da autoria como proposta de educação em tempo integral para o Ensino Médio: uma análise da Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho na região fronteira (Brasil/Bolívia) de Corumbá (MS)*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/retrieve/3181b28e-306c-4b6a-b9e4-ec5532c160e4/21503.pdf>. Acesso em 10 abril 2024.

SOUZA, L. G. A história de Corumbá. *Revista Dimensão*, ano II, p.45-52, nov., 1972.

STURZA, E. “Portunhol”: língua, história e política. *Gragoatá*, v. 24, n. 48, p. 95-116, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621>. Acesso em: 10 dez. 2024.

UM BELO resgate: história de professora pantaneira que virou prêmio. *Ecoa*, 13 abril 2020. Disponível em: <https://eco.org.br/historia-de-professora-pantaneira-vira-selo-e-premio/>. Acesso em: 20 mar 2022.

URT, N. A. *Além do Sarobá: do modernista Lobivar aos novos olhares poéticos sobre as ‘manchas negras’ da fronteira*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2020. Disponível em: <https://ppgefcpn.ufms.br/repositorio-de-dissertacoes-2020/>. Acesso em: 9 fev. 2024.

VERNOCHI, A. G. S. *Xenofobia em ambiente escolar fronteiro: uma análise de estudo de caso em Corumbá, MS*. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5670>. Acesso em 10 abril 2014.